

ANOTAÇÕES SOBRE CULTURA E NATUREZA NOS PANTANAIS¹

*Eudis Fernando Leite*²

Resumo. O conteúdo deste artigo apresenta algumas observações a respeito das relações cultura *versus* natureza no Pantanal sul-mato-grossense. Recorrendo a fontes orais enquanto base informativa, procuro discutir alguns aspectos que relacionam a cultura pantaneira e a natureza local, enfatizando marcadores dessa cultura como a oralidade. Abordo ainda a construção da representação construída a partir da imagem do Pantanal enquanto paraíso.

Palavras-chave: Pantanal; cultura; natureza; oralidade.

NOTES ON CULTURE AND NATURE AT THE PANTANAIS

Abstract. The content of the present article presents some observations about the culture versus nature relationship at Pantanal (a swamp area) located in the State South Mato Grosso, Brazil. Using oral resources as an informative base, I try to discuss some aspects which relate Pantanal culture and local nature, emphasizing markers of such culture, such as oral history/oral tradition. I also approach the representation construction based on the image of Pantanal as paradise.

Key words: Pantanal; culture; nature; oral history/oral tradition.

Hoje me sinto mais forte;
Mais feliz quem sabe;
Só levo a certeza;
De que muito pouco eu sei; eu nada sei.
(“Tocando em Frente”: Almir Sater e Renato Teixeira)

Os debates sobre as ligações entre o homem e a natureza têm se tornado insistentes e freqüentes em diversas áreas do saber. Na história tal situação não é distinta, até porque a discussão é intrínseca à própria

¹ Versão preliminar deste texto foi apresentada na mesa-redonda: Cultura e Natureza nos Pantanaís, durante o Encontro Regional “Memória da Gente Pantaneira”, ocorrido na cidade de Poconé-MT, entre os dias 17 e 18 de outubro de 2002.

² Professor Doutor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Campus de Dourados.

existência do saber histórico, quando pensado a partir das ações humanas ao longo do tempo. Ademais, a discussão em questão surge com vigor juntamente com o fortalecimento das preocupações com o meio ambiente e sua preservação, colocando em destaque uma forma de pensamento que questiona as profundas alterações impostas ao meio ambiente pela ação humana. Tais preocupações parecem ganhar vigor a partir dos anos 1950, embora em momentos anteriores seja possível perceber insatisfações a respeito da destruição ambiental. É provável que a explicação para esse fenômeno seja resultado das insatisfações angustiantes do imaginário contemporâneo, uma vez que *nem todas as culturas abraçam natureza e paisagem com igual ardor, e as que as abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo*. (Schama, 1996, p. 25)

Neste texto tomo como linha mestra a preocupação com o meio ambiente, mas volto minha atenção especialmente para o Pantanal brasileiro. A opção por focar essa problemática se liga ao objetivo de discutir a presença do homem pantaneiro em sua histórica ação sobre o ambiente local, de maneira a perceber que essa interação é parte significativa na identidade regional; identidade que parece almejar se descolar da noção identitária mato-grossense. Assim, a trajetória percorrida consiste em problematizar as relações entre o homem pantaneiro e sua presença na região, em direta ligação com as características peculiares ao Pantanal.

De chofre, focalizo a questão tomando uma das mais tradicionais formas de trabalho na região, na qual a natureza desdobra-se enquanto paisagem construída pela ação humana no exercício da tarefa de conduzir bois no Pantanal e, mesmo, para outras áreas externas a esse ambiente.

HISTÓRIAS DE BOIADEIROS E BOIADAS

O que reconto na seqüência se passou no início do século XX.³ Se não se fez história, bem poderia ter sucedido. O caso é que contemplo uma boiada sendo conduzida da região de Poconé, no interior de Mato Grosso, para a capital, Cuiabá. O mês era agosto, mês de cachorro louco, período seco, de pouca ou nenhuma chuva; em seu andar lento e constante a boiada segue ao som dolente de uma cantiga. Seriam mágoas de boiaqueiros?

³ Nesta parte faço paráfrase do conto “Sabedoria de Vaqueiro”, de Feliciano Galdino. In: _____. *Lendas Matogrossenses*. Cuiabá: Typ. Calháo & Filho, 1919, p. 128-134. Esse trecho integra o III capítulo da Tese de Doutorado *Marchas na História: comitivas, condutores e peões-boiaqueiros nas águas de Xarayés*, conforme Leite (2000).

Grande é [era] a manada, assombroso o aspecto (Galdino, 1919, p. 18). Aquele mundo se agita, aves e animais produzem ruídos ou, até mesmo, visões estranhas impõem o estouro da boiada. Um dos touros, animal indolente, lânguido, desgarrar-se, e o cavalo, antes mesmo da decisão de seu cavaleiro, sai em caça do fugitivo. Consegue alcançá-lo.

A comitiva estava composta de um pessoal experiente e ousado. *Vaqueirada boa a que passava, rapaziada sacudida e zanfímera, como se diz na bela e lendária terra poconeana* (Idem, p. 130). Bem próximo, distante meia légua, habitava um certo Pai Joaquim, como era chamado pelos moradores da redondeza. Joaquim Gomes, como fora registrado, construíra, nas proximidades de seu rancho, um grande curral em que se encerrariam mil bois. De fato, fundara uma moradia! Os que assim desejassem, ali poderiam pernoitar com sua boiada, trocar um dedo de prosa, desfrutar do tereré ou do guaraná e repousar o corpo moído nas andanças!

A peonada era boa e tentava, sem sucesso, recolher o gado no curral. Parava rodeios, buscava pacificar o gado que finalmente não atravessava a porteira. Pai Joaquim observava e severamente ruminava a incompetência daqueles rapazes em lidar com o gado naquela situação. *O velho já havia dado baixa do serviço de vaqueano, mas lhe parecia que haveria de morrer logo se não estivesse a ouvir continuamente o mugir do gado por perto do seu rancho* (Idem, p.131). Um dos boiadeiros se achega ao velho Pai Joaquim reclamando das dificuldades com o gado, atribuindo o refugo do rebanho em adentrar o mangueiro a supostas visões da cuca. O velho boiadeiro resmungava negativamente, discordando do rapaz e já adiantando suas observações e censuras a respeito da incapacidade da peonada.

O rapaz afirma ao velho pantaneiro que viera aconselhar-se porque o tinha como a pessoa que poderia resolver aquele problema. *Pai Joaquim era tido como o sábio do sertão, o profundo conhecedor da arte boiadeira* (Idem, 1919, p. 134). Em resposta, o velho disse que era preciso, primeiramente, organizar o rodeio, para só depois rezar um padre-nosso, uma ave-maria e um creio-em-deus-padre. Cumprida essa devoção, deveriam os boiadeiros falar em voz alta: *assim como os advogados nunca refugaram a porta do Inferno, assim também vocês bois, não refugarão a porta do curral* (Idem, p.133-4). Logo após, berrariam em direção aos bois: *para dentro* (Idem, p. 133-4). Só assim o gado obedeceria imediatamente.

O *jovem vaqueano* (Idem, p.134) retornou à comitiva. Procederam àquela homilia sertaneja de Pai Joaquim e tantos outros recursos, após o que, um a um, os bois foram entrando no curral, obedientes.

Pai Joaquim, o jovem vaqueano e a comitiva, a boiada, os animais e as intempéries, a simpatia e seu sucesso são fragmentos de uma história

rural, sertaneja, mato-grossense, pantaneira. Nela se destacam formas de vida e a construção de representações nas quais o homem comum se ajeita no tempo e no espaço do qual faz parte.

O texto de Galdino, por sua vez, foi escrito com as cores de uma história possível, sincretizando muitas outras factualizadas na Literatura, na Sociologia, nas músicas, sobretudo, e algumas vezes na história construída. A migração imposta aos bovinos, eqüinos, caprinos e muitas outras espécies permitiu que uma forma de trabalho e de vida se constituísse para dar conta de conduzir esses animais - nesse caso, uma boiada e seus acompanhantes, tangedores de sua história ao lado de bovinos e eqüinos.

Se *Sabedoria de Vaqueiro* não é texto escrito por historiador, ele trata de história, mesmo se o incluíssemos entre as avocadas crônicas. A sabedoria do velho Joaquim Gomes é representativa de muitas outras inscritas na memória de peões e condutores de boi. Por sinal, o Joaquim Gomes de Galdino me faz lembrar outros joaquins, tais como o Barão de Vila Maria ou Joaquim José Gomes da Silva, ou ainda, de Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco, também um peão, depois celebrizado como grande fazendeiro no Pantanal sul-mato-grossense.⁴ Mas Pai Joaquim também retoma a tradição de conduzir boiadas, liderar comitivas, enfrentar a natureza, rasgar o tempo e o espaço dos sertões e dos pantanais.

De um passado mítico, quase imemorial, surge uma história vivida, não por uma personagem literária; talvez por um de seus inspiradores. Não é prolixidade indagar e procurar compreender o mítico no fenômeno histórico. É importante

Perguntar se um novo conjunto de mitos é, realmente, o remédio que o médico prescreveria para nossos males não equivale a negar a seriedade de nossa situação ecológica, nem a urgência dos reparos e reformas necessários. Mas, e quanto aos velhos mitos? Pois, embora esses textos geralmente afirmem que a cultura ocidental evoluiu, abandonando seus mitos da natureza, estes, na verdade, nunca desapareceram. Se, como vimos, toda a nossa tradição da paisagem é o produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões. Os cultos, que somos convidados a procurar em outras culturas nativas – da floresta primitiva do rio da vida, da montanha

⁴ Da alcunha “Nheco”, originou-se o nome da mais importante região de pecuária no Pantanal, a Nhocolândia.

sagrada -, na verdade estão a nossa volta, vivos e passando bem; resta saber onde procurá-los. (Schama, 1996, p.24).

O mito, nessa acepção, é um artefato histórico; acompanha o homem há tempos, fazendo-se presente nos campos pantaneiros. Ao mesmo tempo, no palco da história, encontro o senhor Fausto da Costa Oliveira, condutor de bois, nascido por volta de 1930, que narrou uma de suas muitas viagens, na qual sobejam objetos de historiador e de cronistas. Afastados mais de meio século, cronista e narrador mantêm elos comuns ao tratarem do trabalho de condutor e de suas implicações. O senhor Fausto, quando entrevistado, relembrou muitos momentos de sua vida, reelaborou e organizou sua memória, deu-lhe novo sentido ao descrever suas viagens e labutas como condutor-líder de comitivas. Também outros entrevistados⁵ contaram sobre suas vidas, alegrias e tristezas, invocaram os significados que conferiram legitimidade à memória por eles preservada. Nessas narrativas, a lida com animais como bovinos, mueres e cavalares mapeia caminhos nos quais se encontram fatos importantes para a história de vida de homens habituados com a selvagem beleza do Pantanal.

Há ainda muitos “pais joaquins” espalhados no Pantanal, tal qual existem muitas magias e rezas para enfrentar a ferocidade dos bovinos e outros animais!

Este texto é muito mais do que a paráfrase de um dos contos de Feliciano Galdino. O conto escrito por Feliciano Galdino me é útil porque encerra os aspectos essenciais do que estou discutindo aqui, ou seja, destaca elementos concernentes à relação homem *versus* natureza no Pantanal. E mais, expõe um dos aspectos mais robustos na discussão acerca da cultura pantaneira, que é a relação entre a história e a memória.

A sabedoria de Pai Joaquim, o som da mata, o trabalho com a boiada, a inexperiência dos jovens vaqueiros com o sobrenatural são integrantes de uma mesma história, uma cultura de nuances várias, mas que conformam um todo.

É indispensável apontar que a problemática que envolve o homem *x* natureza ou natureza e cultura não é simples e de fácil solução; mas é preciso acrescentar que a noção histórica na qual o homem se compreendeu como ente superior à natureza tem merecido críticas e reavaliações, recolocando a premissa de que o ser humano é parte da

⁵ Na bibliografia desse texto, anoto algumas das mais importantes entrevistas realizadas no desenvolvimento do projeto de pesquisa “História Oral e Memória: história e estórias”.

própria natureza, ainda que a exploração do meio ambiente seja condição para a sobrevivência da espécie humana.⁶ A concepção em que o homem surge em relação de superioridade à natureza aparece, por exemplo, no Gênesis, quando Deus ordena ao homem que cresça, multiplique-se e domine as outras espécies.⁷

O PANTANAL E A NATUREZA

Contemporaneamente, as preocupações com o meio ambiente envolvem nações, sociedades e estados em torno da questão da sustentabilidade ecológica, o que equivale a dizer, da sobrevivência da espécie humana. Presenciamos o estabelecimento de um *paradigma social*,⁸ envolto por diversas pretensões que se iniciam na própria preservação da natureza e alcançam interesses geopolíticos e político-estratégicos.

A partir de movimentos voltados para a questão ecológica ganharam formas diversas vertentes de compreensão e ação, como, por exemplo, a versão do ecologismo conhecida como biocêntrica, cujo entendimento pretende que... *as relações entre humanidade e a natureza devem ser guiadas pela ética. O universo do comportamento moral não deve se esgotar nos seres humanos, mas se estender, também, a outras formas de vida e até ao elemento abiótico, ou seja, ao que os cientistas naturais, respectivamente chamam, de "comunidade biótica" e "ambiente abiótico"*.⁹ Para alguns autores as raízes do biocentrismo localizam-se no liberalismo, particularmente no anglo-saxão, o que por enquanto é de somenos importância aqui.¹⁰

Ao lado dessa perspectiva, deparamo-nos com a compreensão antropocêntrica, cuja essência encontra-se na premissa de que ao longo dos tempos, nas sociedades ocidentais, a relação entre natureza e cultura denota o domínio da primeira sobre a segunda. Assim, nesse entendimento, a ascendência humana sobre o natural configura-se no emprego de ritmos culturais de manipulação e manejo do mundo físico, o

⁶ PAULA, Z. C. Uma Face da Relação Homem/Natureza. *Revista Pós-História*. Assis. Programa de Pós-Graduação em História/Unesp. V. 5, 1997. p. 185.

⁷ Idem, p. 186-7

⁸ BARBOSA, Lívia N. de H.; DRUMOND, José A. Os direitos da natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, nº 14, 1994. p. 265

⁹ Idem, p. 266.

¹⁰ Idem, p. 267 e segs.

que realça um certo desprezo por formas e organizações sociais nas quais a natureza ocupa o papel dominante.¹¹

Parto, fundamentalmente, da perspectiva antropocêntrica, pois creio que a própria essência do processo histórico, pensada sob a ótica da longa duração, está na relação cultura x natureza, em que a primeira decorre das ações das sociedades humanas na sua faina existencial desde muito tempo. Certamente essa concepção não se inclui em premissas simplistas, as quais julgam que a natureza existe plenamente para servir a um senhor, o ser humano, da melhor forma que lhe aprouver!

Logo, acredito que é preciso ter presente que o mito moderno do paraíso, e no que respeita ao Pantanal, o “paraíso ecológico, paraíso das espécies, refúgio, etc...” encerra, do ponto de vista do imaginário, noções edênicas e arcádicas em que a natureza encontra-se protegida do homem e sua ação nociva”. Essa idéia é profundamente devedora de concepções paradisíacas recriadas na medievalidade¹² e inflamadas na pós-modernidade pelas formas de vida exaustivas verificadas nas grandes cidades do planeta, adquirindo, portanto, novos significados correlatos aos rumos existenciais da contemporaneidade: *Afinal, a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia.* (Schama, 1996, p. 17). É claro que a ânsia e o desejo pelo paraíso, sensação que compartilhamos com o imaginário medievo-renascentista de Colombo, por exemplo, vai ao encontro da indústria do ecoturismo e, sobretudo, das empresas de turismo, o que me parece legítimo se pensado a partir da ótica do capitalismo.

O que desejo assegurar é que o discurso ambientalista, mais ou menos radical, constitui-se numa face do próprio modelo econômico atual. Essa questão é obviamente longa, merecendo, portanto, uma discussão específica.¹³ Não obstante, é importante enfatizar que representar a região pantaneira e sua permanência enquanto grande planície alagada ou paraíso ecológico não pode ser destacado da compreensão de que o homem está aqui há pelo menos oito mil anos¹⁴,

¹¹ idem p. 270.

¹² MELLO e SOUZA, L. de. *O diabo e a terra de Santa Cruz, feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 6ª. reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

¹³ A respeito do surgimento e crescimento das preocupações com a relação homem *versus* natureza, menciono o texto de FERREIRA, Leila da Costa. *A sociologia Ambiental brasileira: um balanço provisório*. Sl, snt, sd, (digitado). Há também o esclarecedor livro de DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 2ª. ed, São Paulo: Hucitec, 1998.

¹⁴ Sobre datações da presença humana no Centro-Oeste e no Pantanal, ver: OLIVEIRA, Jorge E. de e VIANA, Sibeli A. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*; Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I. n° 1. Dez. Jan. 1999/2000 pp. 142-189.

quando evocado o pretérito pré-colonial da região. Se trouxermos a discussão para um período mais próximo, vamos remetê-la para a presença dos espanhóis entre os séculos XVI e XVIII, e, é claro, aos portugueses, principalmente no início do século XVIII e, não à parte, a presença das diversas sociedades indígenas que aqui estavam desde as primeiras referências que chegaram à Europa sobre essa diferente região. No mais, recordo o livro “O diabo e a terra de Santa Cruz”, da historiadora Laura de Mello e Souza, no qual ela demonstra como, no princípio da colonização brasileira, a natureza foi edenizada e o mundo dos homens -especialmente o do indígena e, depois, o do escravo negro - foi infernalizado.¹⁵

Nessa linha, compreendo a idéia da edenização do Pantanal como um mito pós-moderno. Trata-se de um mito necessário à sociedade nacional contemporânea, já que em sua essência existe o apelo do retorno em direção ao mundo natural. É compreensível, pois nas palavras de Schama (1996, p. 142), *Os mitos são sedutores*. Na tentativa de entender a importância do mito para nós, Schama é incisivo: “De uma coisa pelo menos estou certo: não levar o mito a sério na vida de cultura evidentemente ‘desencantada’ como a nossa equivale, na realidade, a empobrecer nosso entendimento do mundo que partilhamos. Equivale, também, a confiar o assunto àqueles que não têm distanciamento crítico algum, que apreendem o mito não como um fenômeno histórico e, sim, como um mistério invariavelmente perene.” (1996:143)

O PANTANEIRO E O PANTANAL

Nesse sentido, a presença humana no Pantanal impôs uma “labuta derreante” entre o homem e a natureza. A ocupação econômica da região, sem entrar no mérito valorizador ou detratante das várias atividades desenvolvidas, sempre teve no seu interior a presença marcante da natureza pantaneira e suas particularidades, especialmente as grandes enchentes e sua antítese, as secas. Foi nesse contexto que se processou o assentamento do colonizador na região, o que fatalmente significou o apossamento dos imensos territórios integrantes das práticas econômicas e culturais das diversas sociedades indígenas que ali já estavam.

¹⁵ MELLO e SOUZA, L. de. *Op. Cit.* p. 32 e segs. Ver também: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso; os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª. reimp. Brasiliense: São Paulo, 1996.

Corrêa (1997) enfatiza a presença das características naturais mato-grossenses, no interior do período colonial, como elementos que funcionaram enquanto obstáculos ao processo de incorporação da região à América Portuguesa. Uma das fontes mais interessantes e que revela um pequeno fragmento do olhar do colonizador sobre o Pantanal está nas palavras de Cândido Xavier de Almeida e Souza, no princípio do século XIX, citado por Corrêa:

... nesta região mais que em outra alguma he inflexível o rancor dos Irracionais contra o Homem, desde a desobediência de Adão: em terra as feras, as serpentes, as formigas, e as mesmas arvores pella maior parte armadas de espinhos denegão a sua comunicação: nos Rios, os Jacarés, Os Sucuris, As Gíboias e os mesmo peixes conspirão contra a Humanidade. A preciza privação do SS. Nome do Snr., o ardente calor próprio da zona tórrida, a transpiração dos suores, a vexação dos insetos; o hálito insofrível do almíscar dos Jacarés, seus horrorozos bramidos, e a horrível figura destes monstros, representam a vista e a imaginação huma verdadeira effige do lado terrível do Infernal Archeronte.¹⁶

Como é possível perceber, o Pantanal mato-grossense nem sempre foi um paraíso! A imagem pouco glorificante e nada aprazível anotada por Cândido Xavier de Almeida e Souza e enviada a Dom Rodrigo de Souza Coutinho expressa a mentalidade do “desbravador” que enxerga no ambiente os óbices impostos ao homem desde a expulsão de Adão do Paraíso. É o outro lado da mesma moeda edenizadora.

Essa imagem também é reveladora das estratégias usadas pelos homens para matizar suas experiências, empregando os instrumentos que a mentalidade de sua época lhes fornece. Para o expedicionário do início do século XIX, *os Pantanais* possuem características muito distintas, opostas ao Pantanal da contemporaneidade.

Na interpretação de Corrêa (1997), o processo de conquista do Oeste colonial impôs ao homem a urgência de adaptar-se ao meio. Em busca das riquezas da região,

¹⁶ SOUZA, C. X. de A. e. Descrição diária dos Progressos da Expedição destinada da Cap.nia de S.m Paulo p.^a as Fronteiras do Paraguay, em 9 de Outubro de 1800, dedicada ao Illm.^o e Exm.^o S.or Dom Rodrigo de Souza Coutinho, por...?Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro', Rio de Janeiro, volume 202, janeiro-março, 1949, p. 115, *Apud* CORRÊA, 1997: 69.

procurou esse conquistador utilizar-se de toda a experiência anterior na penetração pelos sertões da Colônia, moldando, assim, as formas de lidar com a natureza conforme as novas e imediatas necessidades, o que nem sempre evitava as travessias e viagens penosas, com perdas humanas, por ataques de insetos e diversos outros animais selvagens, ou doenças provocadas por vetores desconhecidos, ou, ainda, afogamentos em rios e cachoeiras que apresentavam obstáculos traiçoeiros ao homem. (Corrêa, 1997, p. 70).

Essas observações reforçam a constatação de que o processo de fixação da população não-indígena na região não foi simples, implicando em tensão constante entre o homem e o universo natural.¹⁷ O avanço colonizador em direção ao sertão significou a interiorização do domínio colonial de um lado e a ampliação e modificação do horizonte cultural do conquistador, por outro lado. As jornadas, os pousos e a implantação de núcleos humanos luso-brasileiros, progressivamente, produziam um conhecimento maior sobre o território e suas particularidades, além de exigir constantes reelaborações do universo mental de procedência européia.¹⁸ Nessa atividade ocorria a incorporação dos saberes locais ao universo do conquistador, ou seja, estabeleceu-se um intenso processo de apropriação e trocas culturais entre o colonizar e os indígenas.

Não à parte, as preocupações com a preservação podem estar envoltas em variadas e interessantes justificativas, incrustando sua legitimidade em múltiplos aspectos de natureza cultural e/ou socioeconômica. Contudo, em se tratando do Pantanal, preservar alguma coisa, em tal situação, implica necessariamente em conhecer melhor toda a região, não apenas do ponto de vista ambiental, mas também humano. Não tenho muita segurança, mas ousou afirmar que conhecemos muito mais o Pantanal paradisíaco do que aquele por mim nominado de o “Pantanal pantaneiro”.

¹⁷ Sobre as tensões construídas em torno da questão “civilização e natureza”, principalmente no tocante ao desenvolvimento da cidade de Corumbá, virada do século XIX para o XX, consultar o instigante trabalho de Souza (2001), citado nas referências bibliográficas, especialmente o capítulo I “O Progresso contra a natureza: vapor, fios e trilhos”. Ressalto que debates e estudos sobre a temática homem x natureza; civilização x sertão, entre outras versões, alcançou grande espaço no campo historiográfico e envolve, de forma progressiva, abordagens de caráter multidisciplinar.

¹⁸ A respeito do cotidiano na interiorização da América Portuguesa é importante consultar Souza, 1997.

Minha experiência – relativamente incipiente – enquanto pesquisador de aspectos relacionados à cultura verificada no Pantanal tem ensinado que essa região concentra uma diversidade de manifestações e formas de viver e relacionar-se com o ambiente muito *sui generis*. A experiência de vida no Pantanal, quando vista pela perspectiva da história – e da etnohistória – revela que o homem estabeleceu uma relação intensa de troca, por assim dizer, com o meio ambiente, produzindo quase que uma simbiose ou uma espécie de compreensão por parte do ser humano sobre os signos de uma natureza bastante particular. Nesse sentido um ansioso Guimarães Rosa afirma: *Eu tinha precisão de aprender mais sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me factos, casos, cenas.*¹⁹

Novamente, tomo o trabalho com os condutores de boiada e seus peões, apontando na direção de tornar minhas assertivas mais compreensíveis. Tive a oportunidade de entrevistar um pequeno número de pantaneiros, moradores e ex-moradores dos espaços interiores dessa região. Tratei, juntamente com outros pesquisadores, de no momento da gravação, garantir ao entrevistado o controle e a fluência da narrativa. Isso permitiu, conforme entendimento da equipe, maior tranquilidade para o entrevistado. Os princípios dessas entrevistas subordinaram-se às expectativas de *saber mais* sobre a vivência pantaneira de trabalhadores diversos, pois acreditamos na possibilidade da construção de uma narrativa diversa a respeito do passado, na medida em que

Bem diferente é o testemunho das pessoas simples e dos excluídos, aqueles que tendemos a considerar os não-atores da história, cuja importância passa a ser valorizada pelo simples fato de o historiador solicitá-los entrevistá-los. Aqui, a suspeita muda de campo. O informante se pergunta o que sua vida poderia ter de diferente para um intelectual que escreve livros, enquanto este último faz elucubrações fascinantes a partir dos depoimentos sobre simples gestos do cotidiano ou sobre ações de pouco brilho na história nacional. (Voldman, 1996, p.40-1)

Atribuir importância ao entrevistado é reconhecê-lo como portador de uma memória que pode ser solicitada e, eventualmente, narrada, cuja essência traduz a importância e o *status* de personalidade significativa para compreensão do passado. Certo é que, em uma entrevista, procedemos a intervenções no sentido de buscar alcançar profundidade a respeito de

¹⁹ GUIMARÃES ROSA, João. Entremio com o vaqueiro Mariano. In: *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 69

determinados tópicos, fundindo nossa impressão no *corpus* informativo que resulta dessa circunstância rememorativa.

Nessa tarefa de entrevistar alguns pantaneiros, foi possível realizar um levantamento que expressasse experiências de vida na região pantaneira, principalmente aquela próxima a Corumbá, no Estado do Mato Grosso do Sul. Por meio dessa atividade, articula-se uma estratégia de apreensão das significações do passado apelando-se a um sistema discursivo que configura e, como uma correia de transmissão, expande e difunde sentidos conferidos ao vivido e/ou testemunhado. É a mecânica difusa da narrativa, suportada na memória, quem confere algum sentido ao evento pretérito; e, *em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento discursivo, por intermédio de seus vestígios no presente.* (Hutcheon, 1991, p. 131 e segs.). A entrevista construída pelo historiador, no correr de sua pesquisa, é concentradora de algum vestígio, cuja preocupação geralmente é a aproximação do passado.

Deste modo, seu conteúdo materializa uma narrativa cuja finalidade é esclarecer dúvidas do pesquisador, que, ao cabo, se defrontará com um outro objeto concentrador de estrutura existencial distinta da experiência abordada no campo mêmora. *Mnemósine* sobreviverá adquirindo perfil narrativo, engendrando um discurso que será auscultado, lido e analisado pelo pesquisador no frenesi extenuante de descobrir o pretérito.

A partir dessas entrevistas, foi possível perceber o significado de algumas atividades de trabalho na vida daquelas pessoas, e o trabalho em comitivas foi uma delas. Quando direcionada para tal atividade, a entrevista transformava-se em fio condutor de uma narrativa fluente, cujo conteúdo agregava outros aspectos da vida no Pantanal. Assim, *todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da “sua história”, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo do perdurável.* (Bosi, 1987, p. 47). Mas tais aspectos, de fato, não são inerentes apenas às experiências dos condutores ou peões, surgem também nas falas de pescadores e outros moradores “tradicionais” da região.

Importa ainda registrar que, pessoalmente, identifiquei problemas em categorizações dos pantaneiros – sobretudo os não-proprietários – em função de atividades muito específicas como peão, pescador etc., pois se identifica entre esses atores uma mobilidade bastante grande. Na verdade, o pantaneiro, integrante dos segmentos trabalhadores, transita com muita facilidade entre uma atividade e outra, dependendo da situação e do tipo de atividade para o qual ele está sendo solicitado.

Nesse sentido, ao realizarmos a exploração dessas entrevistas, que se configuram em um conjunto audiovisual, percebemos que o *modus*

vivendi local preserva elementos culturais entendidos como tradicionais, ainda que não sejam encerrados em si, como em uma rocha. Há elementos de uma cultura tradicional, rústica, que se misturam a componentes mais recentes que adentram a região. Entre os componentes mais significativos estão aqueles que dizem respeito às formas pelas quais o homem lida com a natureza. Aqui, os componentes naturais mais lembrados são seca, enchente, animais como cobra e onça. Esses elementos formam o conjunto que integra a caracterização do Pantanal, porque fazem parte das representações elaboradas pelos pantaneiros e aparecem nas suas conversas, nas entrevistas, enfim integram o cotidiano de quem ali vive.

Costumo sempre fazer o seguinte comentário, não sem uma sutil dose de ironia: nos instrumentos de divulgação e vulgarização da imagem pantaneira – geralmente realizada por empresas de turismo e agências dos governos estaduais - os grandes excluídos são os pernilongos, insetos que infernizam a vida dos pantaneiros desde tempos imemoriais! Esses insetos são banidos das imagens paradisíacas elaboradas sobre o Pantanal.

Não obstante, no conjunto das características culturais pantaneiras há uma bastante especial, que tem sido visitada por alguns colegas pesquisadores: a oralidade. Esse traço cultural, quando tratado sob a ótica da pesquisa, revela a riqueza de seu conteúdo e aparece com vigor em alguns trabalhos acadêmicos, se não como objeto, pelo menos como componente articulador de representações e informações a respeito da relação homem x natureza no Pantanal.²⁰

Tenho clareza de que posso cometer erros pelas possíveis omissões e exigüidade ao estabelecer uma relação de trabalhos que discutem ou tocam no fenômeno da oralidade, pois muitos outros textos

²⁰ Apenas para efeito ilustrativo e correndo o risco de omissão, menciono os trabalhos *Águas Encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do Pantanal*; *A poética do sobrenatural no homem ribeirinho: o minhocão*, ambos do professor Mário Cezar Silva Leite; *Aqui tudo é parente! Um estudo das práticas e idéias em relação ao tempo e ao espaço entre camponeses do Pantanal de Mimoso*, da professora Joana Aparecida Fernandes Silva; *No ritmo das águas do Pantanal*, das professoras Carolina Joana da Silva e Joana Aparecida Fernandes da Silva; *Sociedade e Natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões da fazenda de gado na “Nbecolândia”*, do professor Álvaro Banducci Júnior; *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, do professor Frederico Augusto Garcia Fernandes; *A linguagem do homem pantaneiro, O que é Pantanal*, ambos escritos pela professora Albana Xavier Nogueira, *História de um país inexistente, o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, da professora Maria de Fátima Costa; *Guatú: argonautas do Pantanal*, do professor Jorge Eremites de Oliveira; *Rio Paraguai: o “mar interno” brasileiro*, da professora Maria do Carmo Brazil Gomes da Silva e, o meu próprio trabalho, *Marchas na História, comitivas, condutores e peões boiadeiros nas águas de Xarayes*. As referências completas desses trabalhos encontram-se no final deste artigo.

poderiam ser agregados, tais como aqueles de cunho memorialístico e literário. Contudo, a pretensão é apenas demonstrar que o Pantanal e seus habitantes transformaram-se em objetos de estudos que têm apresentado contribuições importantes para o conhecimento da cultura pantaneira, e que a oralidade está presente nesses trabalhos, atravessando-os das mais variegadas formas. Em alguns deles a oralidade surge como portadora de informações, registradas em entrevistas. Em outros textos, a presença da oralidade nem sequer é percebida enquanto fenômeno cultural, mas o objeto maior abordado pelo pesquisador revela ligações estabelecidas com a oralidade. Ecléa Bosi (1987) é lapidar ao anotar que *A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é o oral*. (p. 43).

ASPECTOS DE UMA FORMA DE MEMÓRIA SOBRE O PANTANAL

A oralidade se constitui num traço de cultura indispensável para o conhecimento da sociedade que habita o Pantanal, mesmo aquela que se encontra em territórios bolivianos e paraguaios. É sua existência e prática um dos artifícios mais significativos para a transmissão da cultura local; mas também é um instrumento importante para preservar e reproduzir o imaginário regional, longamente construído e sempre reelaborado. No âmbito de uma cultura atravessada pela oralidade não é estranho perceber que, em relação a determinados fenômenos, ouvir tem tão grande ou maior importância do que ver, elaborando um sentido no qual se enxerga primeiramente o que se ouvira dizer.²¹

Menciono esse aspecto porque ele ganhou significado especial na minha apreensão dos arranjos da cosmovisão local, a partir das entrevistas e, mormente, na tentativa de analisar e compreender as narrativas e os sentidos híbridos contidos nessas entrevistas. A seguinte assertiva contempla essa preocupação:

Insisto nos termos “narrativa e oralidade”. Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na “própria voz” o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente e deste para o presente. Eu diria que a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com a música do que com o discurso escrito. (Bosi, 2003, p. 45).

²¹ Sob outras circunstâncias, essa interpretação é apontada por MELLO e SOUZA, *op cit*, p. 21 e 22.

É no interior das histórias narradas que identifico a potência da oralidade e a própria memória oral, adquirindo elas o formato de guardiãs de experiências, de crenças, de saberes que denotam estratégias e fórmulas de viver, de enfrentar a natureza, e mesmo a sobrenatureza, essa última um importante artefato do universo mental pantaneiro. Permanece no interior desse imaginário um conjunto de fenômenos que garante intensidade à trama histórica, sustenta uma peculiar forma de impregnar a história de vida com marcas, as quais invariavelmente contemplam encontros e desencontros, tensões e distensões com o mundo natural.

Ao estudar as narrativas pantaneiras, Fernandes (2003) assinala, a partir da narrativa do senhor Silvério Narciso, a intensidade das relações entre o saber adquirido a partir da vida do entrevistado e seu universo mental. A narrativa de Silvério é dissecada em contraste com a do senhor Aristides Barbosa (Ranchinho), na tarefa de demonstrar as estratégias empregadas por ambos para identificar-se como pantaneiro (é a condição do senhor Silvério) ou como não pertencente a esse universo identitário, embora domine códigos da cultura local (situação do senhor Ranchinho). Nas palavras de Fernandes (2003):

A volta ao passado corresponde, no fundo, a uma tentativa do sujeito para se afirmar no presente. O comportamento, a ética, a sabedoria são decorrentes de experiências acumuladas, que conferem ao narrador, durante sua performance, um *status* de pantaneiro. A descrição desse passado, por outro ângulo, consolida-se numa quase-idade-de-ouro, num tempo próximo ao mítico, em que tudo era melhor. O fim dessa quase-idade-de-ouro dá-se devido às transformações percebidas em seu espaço. Resta a ele recorrer ao tempo para afirmar seu antigo espaço, o que implica uma reafirmação do passado, ato no qual se vale da memória. É através da memória que ele revive seus feitos e, sobretudo, vale-se dela para convencer a todos de que detém a legítima tradição pantaneira. (p. 170).

É a narrativa de Silvério quem circunstancia a preocupação de Fernandes ao discutir a *leitura* forjada pelo narrador, cujo cerne é o Pantanal e a cultura ali existente. Na urdidura da leitura concebida por Silvério encontra-se a pulsão que indica a presença do passado idealizado positivamente, fornecendo a sustentação para a compreensão do presente. Tomar a narrativa de Silvério, inclusive reproduzindo-a textualmente, para discutir a presença de tensões no interior do ato rememorativo, aponta para a particularidade do narrador em face de sua história de vida. Ao rememorar – e narrar – Silvério confere autenticidade

ao passado e a seu etos. Silvério Narciso narra sua experiência expressando peculiar leitura do seu mundo; o narrador, nesse ato narrativo, está revelando suas ligações com o meio, contando um pouco sobre si, enfim, revelando sua identidade. (Fernandes, 2003).

Prosseguindo, novamente tomo as palavras de Guimarães Rosa, que antes percebeu o poder do narrar e escreveu: Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi.[...] Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam: narrar é resistir.²² Emblemático, telúrico e triste porque aponta os limites do contar, mas significativo ao constatar a profundidade da relação entre o narrador e sua história-função. Essa relação constitui a essência-objeto da identificação com o mundo local e suas particularidades; amalgama nesse ato construtivo uma reverência aos fundamentos de articulações que bucolicamente tocam o ontem/outroza esmaecido na alma do narrador.

Pessoalmente, suspeito que na trama existente nas narrativas dos pantaneiros, cujo fulcro ou epicentro é a sua própria experiência, localiza-se uma intrincada concepção de história ou, no mínimo, uma representação da história. A oralidade, sustentáculo da permanência de uma forma de vivência, reúne prazeres e sofrimentos, absorve estratégias do cotidiano num ambiente mutante, diversificado e, ambiguamente, sedutor. A visita à memória do pantaneiro é sempre um *recordar das coisas passadas* naqueles ermos sedutores. Se a sociedade que habita o Pantanal não pode ser compreendida como ágrafa, alguns pantaneiros preenchem tal característica e, sob tal circunstância, o trabalho de rememorar configura-se enquanto enfrentamento com múltiplas possibilidades de reelaborar e submeter o passado, individual ou coletivo, a novos sentidos. Bosi (1987) sintetiza essa questão da seguinte forma: *A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a "sua" memória.* (p. 29).

Ocupar-se em conhecer melhor a memória²³ do homem pantaneiro faz emergir a constatação de que *contar* o passado é uma atividade intelectual muito mais complexa e sofisticada que lembrar e descrever algo ou um evento. Trata-se de uma atividade fascinante e

²² - GUIMARÃES ROSA, J. *op. Cit.* P. 73-74.

²³ Não é meu propósito, neste texto, realizar uma discussão a respeito da noção de memória. Não obstante, há uma bibliografia extensa sobre essa questão. Nas referências bibliográficas estão listadas algumas obras importantes sobre a memória e suas relações com a história.

ambígua, na medida em que provoca uma ligação com a identidade dessa personagem. Nessa forma de narrativa, o narrador exerce a introspecção, opera intelectualmente, revira-se para, finalmente, revelar o que encontrou de importante entre os componentes de sua experiência resguardada na memória. Na busca de compreender a oralidade, com ênfase na poesia oral, Fernandes (2003) sintetiza a questão sobre a densidade da oralidade, observando: *a cultura oral é mais complexa do que a poesia oral que dela brota. O narrador é também parte dessa cultura. Ele colabora para sua manutenção à medida que a pratica. Também, através dela, ele ordena seu modo de ser e de transformar as coisas do mundo.* (p. 128).

Embora o pantaneiro não seja exatamente um rapsodo, suas histórias são significantes da forma de vida na região; são histórias de vidas, de labutas e expectativas; apontam para vários fenômenos, inclusive a omissão voluntária. Esse e outros episódios informam também sobre contradições existenciais. Como compreender esse momento e alcançar seu sentido? Como proceder para alcançar a extensão e profundidade no interdito ou não-revelado? Nas palavras de um reelaborador de histórias, o escritor Ismail Kadaré:

Ao que parece, não se trata de uma simples questão de memória. Há aí um vínculo com uma das bases da poesia oral, o mecanismo do esquecimento. E este, por sua vez, tampouco é um esquecimento qualquer, mas algo bem mais complexo. Pode ser um olvido involuntário, mas também pode ser consciente. Um esquecimento fictício, a legitimar uma interpretação nova. (Kadaré, 2001, p. 47-48).

Nesse sentido, a memória é sempre elaboração, construção intelectual de uma experiência ou de um evento; é uma forma de preservação e reprodução da sabedoria. É do interior dessa forma de conhecimento que brotaram informações importantíssimas sobre as estratégias de vida no Pantanal.²⁴ No conjunto das entrevistas realizadas foi possível identificar narrativas cujo teor se constitui de enfrentamentos com animais ferozes (felinos, serpentes, roedores e répteis de espécie e

²⁴ No conjunto de entrevistas realizadas durante o projeto de pesquisa “História Oral e Memória: história e estórias” gravamos uma amostra singular de narrativas sobre formas de vida, trabalho e sociabilidade no Pantanal sul-mato-grossense. É difícil caracterizar o conteúdo dessas entrevistas em perfis do tipo histórias de vida ou temática; ou relatos de experiências com o universo natural e sobrenatural, pois elas contemplam – em maior ou menor medida – esses conteúdos e muitos outros que ainda podem ser identificados, a partir de outros olhares e problemáticas.

tamanhos diversos), com a enchente e a seca, e também com seres sobrenaturais como o minhocão, o mãozão, o cavalo-d'água, as bruxas e muitos outros seres que povoam o imaginário pantaneiro. São histórias significativas e emblemáticas, essencialmente importantes no cotidiano de quem vive em fazendas, margens de rios ou sobre lombos de muares. Elas nos alertam para a profundidade da cosmovisão, na qual as fronteiras entre o imaginário e o real são tênues, fluidas, podendo a fantasia transformar-se na realidade e igualmente a realidade narrada ganhar a esfera do fantástico.²⁵

As personagens imaginárias em algumas circunstâncias interagiram, afetaram ou aterrorizaram os narradores, mas, principalmente, fixaram um lugar e ganharam sentido e significado na história de vida desses pantaneiros. Mas não é somente a crença ou descrença a respeito das influências dos seres sobrenaturais no cotidiano local que homens e mulheres do Pantanal fazem referências, demonstram desconfianças e revelam suas precauções. Ao lado das ligações e das concepções inerentes ao universo sobrenatural ou mítico sobressaem indicações que demonstram o conhecimento sobre caminhos, clima, plantas e raízes medicinais, além das técnicas de trabalho em que o contato com a natureza é fator constante.

Sobre esse aspecto, são diversas e extremamente interessantes as fórmulas e estratégias narradas pelos pantaneiros no seu vivenciar cotidiano. Desde a variada farmacopéia até as pequenas simpatias, é possível identificar procedimentos nos quais a natureza integra-se ao universo imaginário local, contribuindo para a construção de uma paisagem em que o homem labuta com o meio, compreende suas possibilidades e limites de ação. Nesse ambiente, o homem que constrói representações acerca do Pantanal também desenvolve conhecimento sobre como viver e sobreviver na região; codifica e decodifica a paisagem da qual ele também é componente, personagem e ator. A entrada na mata, a travessia do rio, o pouso em local ermo são momentos de aplicação e adaptação de conhecimentos e crenças que foram transmitidas desde longos tempos. São ainda instantes de tensão entre o saber tradicional e a natureza, são momentos de memória e de história, de interpretação e significação daquilo que se sabe por experiência própria ou de outrem e, podem proporcionar novos saberes.

Finalizando, percebo, a partir de pesquisas, que o homem pantaneiro faz questão de mostrar, à sua maneira, que possui uma

²⁵ MELLO E SOUZA, L. de. *Op. Cit.* P. 24 e 25

identidade. Essa identidade manifesta-se ora por adesão à cultura local, ora pelo nascimento, sendo que ambas tocam o aspecto do conhecer e do saber a respeito da paisagem local. Cito trechos de uma belíssima letra/música, “Ciranda Pantaneira”, celebrizada pelo Grupo Acaba, na qual está poeticamente sintetizada essa manifestação identitária.

Quem conhece carandá, quem conhece camalote, quem conhece tarumã é do Pantanal/ Ser pantaneiro é sentir o cheiro da fruta/ Nadar em águas barrentas/ Remar em águas correntes/ ser pantaneiro é a fuga da morte/ É a busca da Vida [...]Na folha que a água leva, leva o bem e leva o mal[...] Onde nasce carandá não nasce caraguatá/ Onde nasce caraguatá tem buraco de tatu/ Onde tem caraguatá, cavalo não pode andá.²⁶

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL/PR) e Jorge Eremites de Oliveira (UFMS/Dourados-MS) pela leitura e críticas ao texto ora apresentado.

REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado da “Nhecolândia”* (Corumbá-MS). São Paulo, 1995, 220p. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BAUDRILLARD, Jean. 1995. *Cool memories II; crônicas 1987-1990*. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo, Estação Liberdade.
- BOSI, Ecléa. 2003. *O tempo vivo da memória; ensaios de Psicologia Social*. São Paulo, Ateliê Editorial.
- _____. 1987. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz.

²⁶ LACERDA, Chico, LACERDA, Moacir e BARRETO, Vândir. 2001 [?]. *Ciranda Pantaneira* (compact disc). Grupo Acaba. Caucaia: Sauá, SPCD 012. 1 disco.

- CORRÊA, Lúcia Salsa. *A fronteira na História Regional: O Sul de Mato Grosso (1870-1920)*. São Paulo, 1997. 346p. Tese (Doutorado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *A voz em performance: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira*. Assis, 2003. 384p. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras.
- _____. 2002. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo, Edunesp.
- GALDINO, Feliciano. Sabedoria de Vaqueiro. 1919. In: _____. *Lendas Matogrossenses*. Cuiabá: Typ. Calháo & Filho, p. 128-134.
- HUTCHEON, Linda. 1991. *Poética do pós-modernismo; História, Teoria, Ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago.
- KADARÉ, Ismail. 2001. *Dossiê H*. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo, Cia das Letras.
- LE GOFF, Jacques. 1992. *História e Memória*. Campinas; Edunicamp.
- LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: comitivas, condutores e peões-boiadeiros nas águas de Xarayes*. Assis, 2000. 285p. Tese (Doutorado em História)- Universidade Estadual Paulista/Universidade Estadual Paulista.
- _____. *Marchas na História: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande: Edufms, 2003.
- LEITE, Mário Cezar Silva. *Águas encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do Pantanal*. São Paulo, 2000. 191p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- _____. *A Poética do Sobrenatural no homem ribeirinho: o minhocão*. São Paulo, 1995. 196p. Dissertação (Mestrado em Literatura)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. *A linguagem do homem Pantaneiro*. São Paulo, 1989. 385p. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Mackenzie.
- _____. 1990. *O que é Pantanal*. São Paulo, Brasiliense.
- OLIVEIRA, Jorge E. e VIANA, Síbeli A. 1999/2000. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*; Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I. nº 1. Dez. Jan. Fev. pp. 142-189.
- PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História/PUCSP. *Trabalhos da Memória*. São Paulo: Educ, 1998. no. 17.

SCHAMA, Simon. 1996. *Paisagem e Memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo, Cia das Letras.

SILVA, Maria do Carmo Brazil Gomes da. *Rio Paraguai: o "mar interno" brasileiro*; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais. São Paulo, 1999. 321p. Tese (Doutorado em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SOUZA, João Carlos de. *Sertão Cosmopolita*; a modernidade de Corumbá (1872-1918). São Paulo, 2001.313p. Tese (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo.

SOUZA, Laura de Mello e. 1997. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, Fernando. e _____ (coord/org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. I, São Paulo, Cia das Letras.

VOLDMAN, Danièle. 1996. Definições usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, EDFGV, p. 33-42.

Fontes audiovisuais

ENTREVISTA Dirce Campos Padilha (filme-vídeo). 1995. Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS. 135min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Fausto da Costa Oliveira (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 240min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Gonçalo Silva (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1997. 120min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Natalino Justiniano da Rocha (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 180min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Natálio de Barros Lima (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 60min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Ranchinho (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 120min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Raul Medeiros (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1995. 300min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Sebastião Coelho da Silva (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 270min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Silvério Gonçalves Narciso (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 90min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Vadô e José Aristeu (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1997. 280min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Valdomiro Lemos de Aquino (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 60min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Waldomiro Souza (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1996. 180min (aprox.), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Nilton Lobo e Ana Rosa (filme-vídeo). Produção: Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: Ceuc/UFMS, 1997. 180min (aprox.), color., son., VHSc.